

Introdução

O cultivo da mandioca ocupa área de destaque no Estado da Bahia, sendo explorado, principalmente, por pequenos produtores, que tem nessa atividade sua principal fonte de renda. Na região do Território do Semiárido Nordeste II, a mandiocultura apresenta produtividade média muito baixa, dado o baixo índice de oferta e adoção de tecnologias adaptadas, principalmente o uso de fertilizantes, corretivos e cultivares adaptadas. Concorrem também para a baixa produtividade as épocas de colheita inadequadas, além de uma base genética bastante estreita, tendo como variedades predominantes “Alagoana” e “Cria Menino”.

A Região do Território do Semiárido Nordeste II tem como principal atividade econômica a pecuária de corte e de leite. Dada a reduzida atividade industrial e comercial na região, o setor agrícola ocupa o principal posto gerador de empregos e renda. A agricultura é a atividade mais demandante de mão de obra, pois a pecuária pouco contribui com esse segmento. Os agricultores familiares desse território são carentes no que se refere a conhecimentos técnicos, resultando em baixo uso de tecnologias adequadas. Os impactos do clima semiárido podem ser minimizados pela adoção de sistemas diversificados de cultivo, com produtividades mais altas das culturas e que gerem renda e ocupação da mão de obra ao longo do ano, para promover sustentabilidade socioeconômica.

Nesse cenário, a mandioca ocupa lugar de destaque, pois constitui-se em importante fonte de renda para uma boa parte das famílias de pequenos agricultores. A falta de aplicação do sistema de produção mais adequado às condições edafoclimáticas da região tem conduzido a reduções gradativas na área plantada com mandioca. Além disso, a farinha, principal produto derivado, nem sempre tem qualidade adequada, pois as estruturas de processamento, além de inadequadas, existem em número reduzido, obrigando os produtores a transportar a matéria prima por grandes distâncias até ser processada.

José Raimundo Ferreira Filho
Pesquisador da Empresa Baiana de Desenvolvimento Agrícola - EBDA
Marcelo Bezerra Lima
Pesquisador da Embrapa Mandioca e Fruticultura
José Jairo Gama de Macedo
Pesquisador da Empresa Baiana de Desenvolvimento Agrícola - EBDA
Helton Fleck da Silveira
Analista da Embrapa Mandioca e Fruticultura

Fotos da Capa:
José Raimundo Ferreira Filho

Patrocínio:



Ministério da
Agricultura, Pecuária
e Abastecimento

Transferência de tecnologias para o desenvolvimento da cultura da mandioca no Território do Semiárido Nordeste II



Transferência de tecnologia

Um dos objetivos da transferência de tecnologias é estabelecer ajustes nas tecnologias e conhecimentos, visando o incremento da produtividade e aproveitamento integral da mandioca. Esse objetivo pode ser alcançado por meio da implantação de unidades demonstrativas (UD) com a cultura da mandioca, sob condições de sequeiro, buscando introduzir variedades superiores, adaptadas às condições edafoclimáticas do nordeste do semiárido baiano. A transferência de outras tecnologias adequadas à realidade da região pode contribuir para o aumento da renda e melhoria na qualidade de vida dos pequenos produtores.

A Embrapa Mandioca e Fruticultura, a SEDIR – Secretaria de Desenvolvimento e Integração Regional e a EBDA - Empresa Baiana de Desenvolvimento Agrícola, alinhadas no propósito de apoiar o desenvolvimento rural do semiárido do Estado da Bahia, firmaram parceria junto a produtores e líderes rurais de 13 comunidades de sete municípios (Antas, Banzaê, Cícero Dantas, Fátima, Heliópolis, Novo Triunfo e Ribeira do Pombal).

Metodologia

Por ocasião dos testes foram utilizados doze genótipos de mandioca, sendo 10 introduzidos (Casco Roxo, Cidade, BRS Gema de Ovo, BRS Kiriris, Lagoa Branca, Landi, Mucuri, Olho Roxo, Palmeira Preta e São Paulo) e outros dois cultivados na região (Alagoana e Cria Menino).

Foram implantadas 13 UD's com mandioca em áreas de produtores e, sempre que possível, em áreas comunitárias, situadas em localidades onde a cultura tem destaque nos sistemas de produção dos agricultores.

Cada uma das unidades foi formada por três variedades introduzidas e uma testemunha, representada por uma variedade local. As unidades ocuparam áreas que variaram de 1.600 a 2.000 m².

O plantio, realizado em covas, com espaçamento de 1,00 m x 0,80 m, proporcionou uma população média de 12.500 plantas por hectare. As adubações obedeceram às recomendações feitas a partir da interpretação das análises químicas do solo. A fosfatagem foi realizada em fundação

por ocasião do plantio e teve como fonte o superfosfato simples. Entre 45 e 60 dias após a emergência das plantas, foi realizada adubação em cobertura com nitrogênio e potássio, utilizando como fontes a uréia e o cloreto de potássio, respectivamente.

As colheitas foram realizadas entre 13 e 17 meses após o plantio.

Resultados

Em solos de baixa fertilidade foram testados sete genótipos, dos quais Cria Menino (12,0 t/ha), Mucuri (11,6 t/ha) e São Paulo (11,2 t/ha) foram os de maior rendimento de raízes, enquanto Lagoa Branca e BRS Gema de Ovo, com rendimento de raízes inferior a cinco toneladas por hectare, mostraram os piores desempenhos. Nas condições de média fertilidade observou-se o comportamento de 12 genótipos, dos quais quatro cultivares (Cidade, Alagoana, BRS Kiriris, Mucuri e BRS Gema de Ovo) alcançaram rendimentos de raízes de até 38 toneladas por hectare. Nos solos de boa fertilidade, as variedades Cidade, Alagoana, Palmeira Preta e Casco Roxo foram as mais promissoras, alcançando produtividades acima de 40 toneladas por hectare.

No que se refere ao percentual de amido, vale destacar o comportamento das cultivares São Paulo, Cria Menino, BRS Gema de Ovo e Alagoana, que alcançaram valores médios superiores a 30 %, enquanto Casco Roxo, Mucuri e Palmeira Preta apresentaram os menores percentuais de amido, em torno de 27 %.

Agradecimentos

Os autores agradecem a Bibiano Ferreira Filho, assistente de pesquisa da Embrapa Mandioca e Fruticultura, e aos técnicos José Edson Batista Barbosa e Osvaldo Costa Miranda, da Empresa Baiana de Desenvolvimento Agrícola, pelo apoio aos agricultores durante a condução dos trabalhos.



Foto: Zaira Fernandes